

# Sete Contributos para a Formação de Professores de Dança

<sup>1</sup> Vera Amorim

<https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.146>

No texto presente artigo sintetizam-se sete contributos, observações e reflexões recolhidas pela autora ao longo de 14 anos de Seminários de formação de professores de de Dança, promovidos pela Escola Superior de Dança, com a Professora e metodóloga Barbara Fewster<sup>2</sup>. Estas orientações surgem cruzadas com os textos introdutórios apresentados em cada volume do método (Fewster, 1996) em questão e sintetizam recomendações de carácter prático/reflexivo que se apresentam em três grandes grupos: a) intervenção pedagógica; b) conteúdo – técnica enquanto código motor; e por fim c) conteúdo musicalidade na sua dimensão de suporte estruturante. Não obstante as intersecções e interdependências que revelam entre si, estes contributos constituem-se também como um valioso conjunto de reflexões técnicas e pedagógico-metodológicas de aplicação transdisciplinar, isto é, o seu interesse não se esgota numa abordagem no âmbito da metodologia Fewster, nem tão pouco se circunscrevem ao ensino da dança. Muitas destas recomendações/orientações poderão ser de interesse e valor em diferentes contextos do ensino da dança e, numa perspetiva mais ampla, noutros contextos de ensino *artístico*. Debruçar-me-ei sobre alguns aspetos da Intervenção Pedagógica vertida para o domínio de Transmissão do Conteúdo.

1. Construir o programa de trabalho em função dos alunos mais dotados, não descurando aqueles que porventura demonstrem maiores dificuldades. Se pensarmos em ensino vocacional, será espectável que as turmas se constituam por alunos de idades próximas e níveis de conhecimentos similares, não obstante é natural que dentro de uma mesma turma haja algum aluno ou grupo que se destaque como sendo mais dotado ou avançado.

<sup>1</sup> Doutorada em Estudos Artísticos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, detém o Título de Especialista na área da Dança, é Mestre em Performance Artística-Dança pela FMH e Licenciada em Dança pela Escola Superior de Dança, onde leciona desde 1989 e coordena o curso de Mestrado em Ensino de Dança desde 2014. É diplomada pela Escola de Dança do Conservatório Nacional e pela Imperial Society of Teachers of Dancing – Londres.

<sup>2</sup> Barbara Fewster foi professora e Diretora da Royal Ballet School em Inglaterra durante quase 5 décadas. Desenvolveu para a Escola Superior de Dança, em parceria com a Escola de Dança do Conservatório Nacional e com o apoio do British Council, uma metodologia de ensino no âmbito da Dança Clássica (Amorim, 2013). O método criado inclui cruzamentos com diversas outras metodologias de referência do ensino da dança, devidamente identificadas, tendo sido editado em 9 volumes pela ESD.

As aulas deverão ser construídas para o nível mais alto da turma, propondo estímulo e incentivo a todos os elementos da classe. Caso haja algum aluno que apresente dificuldades em particular, essas deverão ser objeto de atenção específica em momento oportuno e não durante a aula, o que faria comprometer o ritmo e a motivação os restantes elementos.

2. Corrigir os alunos tocando apenas com um dedo, situando o ponto exato da correção, tornando-a mais precisa e inequívoca para o destinatário. Este tópico remete para a consciência de que uma ampla zona de contacto, toda a mão por exemplo, poderá tornar confusa uma correção que se pretende claramente entendível por parte do aluno. Outro aspeto a não negligenciar será o facto de que o “toque” poderá ser interpretado, quanto à intenção, de diferentes formas, objetivamente refiro-me a interpretações relacionadas com assédio sexual. Pondo em prática esta recomendação evitam-se mal entendidos certamente desagradáveis para todos os envolvidos. Em Inglaterra e noutros países onde a regulamentação sobre dança está mais consolidada do que em Portugal, é habitual que o professor antes de fazer alguma correção física, antes de tocar num aluno, pergunte: “*May I?*” (posso?); caso não haja anuência do aluno, o professor não lhe tocará e deverá encontrar outras formas de explicitar a correção necessária. Sobre a importância do toque como estratégia técnico-pedagógica de correção na aula de dança, está publicado no Repositório Científico do IPL, um relatório de estágio que aprofunda esta temática questionando: “De que modo os alunos (...) percebem e reagem ao toque na correção técnica usada numa aula de Técnica de Dança Clássica.” (Rodrigues, 2016).

3. Marcar sempre com braços e no tempo correto. Entenda-se que marcar em Dança corresponde à prática comum que consiste na reprodução do exercício demonstrado ou enunciado pelo professor, em forma e amplitude menor do que a apropriada na sua versão completa e final. A marcação diferida seja da estrutura do exercício, da sua mecânica, do *Port de Bras*, do tempo e/ou da sua velocidade, traduzem-se numa falta de eficácia, pois haverá certamente a necessidade de voltar a demonstrar o mesmo exercício com foco em diferentes aspetos. O que poderá ser tido como uma forma rápida de transmissão, efetivamente converte-se muitas vezes em ineficácia, por insuficiência na informação prestada. Por outro lado, não promove no aluno o hábito e a disciplina de estar efetivamente atento, pois terá a expectativa de que muito provavelmente haverá lugar a uma nova demonstração por parte do professor.

4. Usar sempre, para principiantes, três repetições nos exercícios:

1º – Para experimentar / 2º – Para lembrar / 3º – Para melhorar

Exemplo prático:    1 - 6    3 *battements tendus devant*  
                              7 - 8    pausa

Esta estratégia, ao nível das iniciações, observa o facto de haver necessidade de tempo para fixar automatismos dada a constatação de que a repetição, quando usada na

medida justa, é uma forma eficaz para as aquisições técnicas. A sucessão/alternância de conteúdos em fases precoces da aprendizagem fragiliza a sua incorporação não sendo portanto recomendável.

5. Segundo Fewster deverá Interromper-se o exercício sempre que necessário e recomeçar exatamente da forma correta, quer isso diga respeito à compreensão do exercício, à música ou à técnica, observando-se que a repetição do erro não acresce vantagem alguma. Tendo esse aspeto em consideração, quando se detete que houve problemas quer na compreensão técnica, estrutural ou musical de determinado exercício, será preferível interromper e recomeçar após esclarecimento do que eventualmente não tenha ficado claro anteriormente. Ditará o bom senso que as interrupções não poderão colocar em risco a dinâmica da aula. Se observado o nº 3 “Marcar sempre com braços e no tempo correto”, assim como, se for tido em conta que a aula deverá estar adequada ao público-alvo, a necessidade de introduzir muitas interrupções por incompreensão dos exercícios não deverá verificar-se.

6. Fazer incidir nos primeiros anos de ensino o trabalho na Postura correta e consciência do movimento, evitando combinações de muitos passos e braços em simultâneo. Ter presente que a postura correta em dança clássica, com o que implica de domínio da rotação coxofemoral (*en-dehors*), controle da cintura abdominal e fortalecimento dorsal, constituem por si só uma tarefa árdua e que requer bastante esforço e concentração por parte dos alunos. Ter estes aspetos em consideração, pela importância basilar de que se revestem, remete necessariamente para as aquisições técnicas/vocabulares, espaço limitado. A regra será portanto: 1º ano – 1|2 elementos técnicos por exercício; 2º ano 2|3 elementos técnicos por exercício; 3º ano 3|4 elementos técnicos por exercício e assim sucessivamente. Desta forma aposta-se numa base sólida que após um início de aquisições técnicas deliberadamente limitadas, permitirá um desenvolvimento futuro assente num trabalho muito claro e preciso.

7. Demonstrar sempre em espelho até ao 3º ano, isto é, de frente para os alunos, de forma a manter em todo o tempo contacto visual com a turma (Amorim, 2006). Tendo em conta que a aula de dança acontece em espaço aberto, é especialmente importante o domínio da aula, quer em termos disciplinares, quer em relação a todos os aspetos e elementos da turma, que deverão merecer a nossa atenção. A atenção polifacetada do professor de dança é uma necessidade do processo de ensino aprendizagem específico da dança. Apesar de ser habitual a existência de extensas paredes espelhadas no estúdio de dança, aquelas servirão como equipamento de trabalho, correção e autocorreção especialmente nas idades e níveis mais avançados. A demonstração em espelho implica uma dimensão acrescida do conceito de lateralidade, uma vez que o professor demonstrará com o lado esquerdo o que os alunos reproduzirão com o lado direito. Todas as referências serão feitas da perspetiva do aluno. Os professores menos experientes referem este processo como sendo de acrescida dificuldade e causando algum desconforto, chegando mesmo a induzir em erro. Recomenda-se, portanto, persistência e investimento até ao domínio do procedimento.

Porque esta publicação é necessariamente breve, deixo estes 7 contributos extraídos de uma práxis, o ensino artístico da Dança, que tem sido o meu campo de atuação ao longo das últimas três décadas, nas quais investigar, questionar, refletir, partilhar, fazem parte de um exercício a que me dedico empenhadamente, desejando que de alguma forma estes contributos possam ser de utilidade a quem os lê.



Figura 1. Aula de Metodologias e Didáticas da Dança Clássica I, do Mestrado em Ensino de Dança, na Escola Superior de Dança do IPL.  
Fotografia: Vera Amorim.



Figura 2. Aula de Metodologias e Didáticas da Dança Clássica I, do Mestrado em Ensino de Dança, na Escola Superior de Dança do IPL.  
Fotografia: Vera Amorim.

## Referências

- Amorim, V. (2006). *Estudo comparativo de duas metodologias do ensino da dança vocacional no contexto da técnica de dança clássica – nível elementar* [Dissertação de Mestrado não publicada]. Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa.
- Amorim, V., (2013), Patrick Hurde – História de Vida, Um Contributo para a história da dança em Portugal na segunda metade do séc. XX e início do séc. XXI. Tese de Doutoramento não publicada, F.L. da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Fewster, B. (1996). *Programas para o 1º e 2º, 3º, 4º e 5º ano*. Lisboa: Edição da Escola Superior de Dança.
- Rodrigues, J. (2016). O papel do toque como estratégia técnico-pedagógica de correção na aula de técnica de dança clássica – 3º ano da Academia de Dança do Vale do Sousa. Relatório final de Estágio apresentado à Escola Superior de Dança com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Dança. Instituto Politécnico de Lisboa. Lisboa.